



Construção em terra
Fotografia Luís Ferreira Alves

ALGUNS TEMAS PARA A CARACTERIZAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS RURAIS NO SUL DE PORTUGAL

Miguel Reimão Costa

As diferentes perspectivas com que, no presente, entendemos o Ordenamento do Território acabam por reintroduzir, de forma mais ou menos consciente, os assentamentos rurais tradicionais enquanto tema fulcral para a definição de novos modelos de organização territorial.

Esta constatação é particularmente evidente nas áreas de baixa densidade do interior onde o património construído, cada vez mais encajado a partir da sua integração na paisagem cultural, tem sido, em alguns casos, objecto de intervenções profundas mais ou menos qualificadas. Do mesmo modo se deveriam considerar os conjuntos edificados rurais integrados nas áreas de maior dinâmica do litoral, compreendendo a importância que poderão adquirir enquanto espaços de identidade no contexto da cidade difusa, tanto mais quando, ao pretender sustentar o processo da dispersão contemporânea, se confere àqueles imóveis, através da viabilidade da sua reconstrução, um valor de excepção que deixa muitas vezes ao critério do promotor a iniciativa da sua destruição ou reabilitação. O objecto do presente texto é, com este enquadramento, a arquitectura vernacular em espaço rural, entendida a partir de alguns dos temas fundamentais das economias locais tradicionais e da organização da paisagem. Retomaremos, de algum modo, o âmbito geográfico com que Mariano Feio distinguiu, nessa obra essencial de finais da primeira metade do século passado, três unidades fundamentais no extremo meridional do país, correspondentes ao Baixo Alente-

jo, à Serra e ao [Baixo] Algarve¹. Mas, ao invés de descermos de norte para sul, tomaremos o percurso inverso, beneficiando, desse modo, de um espaço de referências distinto do que é geralmente subjacente à descrição das regiões de Portugal Meridional, onde quase sempre se chega e de onde raramente se parte.

1.

No Algarve distingue-se, na base dos relevos calcários do Barrocal, a planície litoral profundamente marcada pelo processo de urbanização que, nas últimas décadas, se estende a uma paisagem onde as novas práticas agrícolas se combinam com tractos e formas da desruralização.

De há muito que às culturas irrigadas das hortas estava reservada uma parte significativa das melhores terras desta planície, correspondendo ao que Orlando Ribeiro distinguiu como "a mais importante instalação de regadio tradicional"² que comportava duas ou três colheitas ao ano. Deste modo, os engenhos de água e as noras, as levadas e os tanques adquiriram preponderância na organização dos diferentes espaços, implantando-se, muitas vezes, na proximidade dos conjuntos edificados dispersos. As culturas arvenses

¹Mariano Feio, *"Le Bas Alentejo et l'Algarve"*, [1949]. Évora: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983. Associada à individualização das unidades de paisagem da faixa atlântica, são estes, também, os grupos de unidades de Paisagem fundamentais delimitadas para o Sul do País no estudo elaborado pelo Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico da Universidade de Évora: Alexandre Cancela D'Abreu, Teresa Pinto Correia e Rosário Oliveira (coord.), *"Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental"*. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004.

²Orlando Ribeiro, *"Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas"*. 7ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1998, p.76.

de regadio constituíam um dos padrões do mosaico diversificado do litoral - registado nas Cartas agrícolas e florestais, com levantamentos de meados do século passado - a que se juntavam ainda, para além dos pinhais junto à costa, o pomar de sequeiro tradicional, os pomares de citrinos e a vinha, correspondendo às culturas fundamentais que marcam, em diferentes períodos da história, a transformação da paisagem do Baixo Algarve e, mais especificamente, do litoral. É sobre esta matriz de usos que se assistirá, na segunda metade do século passado, a uma maior preponderância das culturas intensivas compreendendo o alargamento das áreas afectas à citricultura e aos primores em estufa, o que é especialmente evidente nas terras mais produtivas como a Campina de Faro³.

O padrão de diversidade que caracterizava os terrenos aplanados da orla litoral tenderá a esbater-se na primeira linha de elevações do Algarve calcário com a preponderância do pomar de sequeiro que compreende, em diferentes combinações, as amendoeiras, as figueiras, as alfarrobeiras e as oliveiras. A importância destas espécies na economia tradicional comportava, em sobcoberto ou em troços mais abertos, as culturas arvenses de sequeiro que serviam ao grão e à forragem, a que se acrescentavam ainda as hortas regadas directamente das ribeiras ou a partir de minas e poços⁴. A organização dos diferentes usos agrícolas nestes campos de solos vermelhos e quase sempre muito pedregosos é marcada pela presença expressiva da pedra arrumada nos muros largos (muitas vezes com mais de um metro), nos muros de suporte das eiras, nos *valados* dos terraços, nos moroiços ou noutras formas particulares de despejo (como as que poderão sobrelevar, por acumulação de pedra, um caminho entre muros de diferentes parcelas).

O povoamento tradicional do Baixo Algarve está associado a uma ocupação significativamente hierarquizada do território, conside-

rando os aglomerados maiores do litoral, as vilas, as aldeias e outros aglomerados menores, bem como a dispersão intercalar que se estenderá das planícies da orla costeira aos relevos calcários. Das áreas de maior densidade deste povoamento disseminado (convertido, em parte, mais recentemente numa expressão da suburbanização), distinguem-se as áreas a norte do Barrocal (da bacia da ribeira do Algibre até ao vale do triássico) caracterizadas por uma ocupação rarefeita e, ainda hoje, marcada, em diferentes troços, pela ausência da edificação isolada. É possível distinguir aqui, sob a posição sobranceira das aldeias maiores, a importância de alguns aglomerados de menor dimensão que, se por vezes consistem em lugares de casas próximas mas apartadas, noutros casos resultam de uma organização agregada que, em muito, recorda os pequenos aglomerados serranos a que posteriormente faremos referência. Entre estes conjuntos merece especial atenção a aldeia pequena da Penina, na base da Rocha da Pena, marcada, num dos seus alinhamentos centrais, pela presença de algumas edificações com cantarias de cunhais chanfrados e verga recta, entre as quais se distingue uma outra com portal em ogiva.

Como tem sido notado, o povoamento disperso do Baixo Algarve é antigo, não apenas na orla litoral mas também no Barrocal, podendo, deste modo, as edificações disseminadas compreender uma grande diversidade de soluções que se constituem como registo de diferentes ciclos da história. Durante o Antigo Regime, o processo evolutivo de construção do monte poderá resultar na relevância da edificação de duas águas, com duas filas de compartimentos, de planta rectangular, geralmente orientada ao quadrante sul, podendo, simultaneamente, evoluir para composições mais complexas de perímetro irregular que poderão também compreender sistemas diferentes de cobertura, como é o caso dos telhados de tesouro⁵. De qualquer modo, a

³ Sobre a transformação da paisagem da Campina nas últimas décadas ver: Desidério Luís Sares Baptista, "Paisagem, cidade e património. O sistema urbano Olhão - Faro - Loulé. Propostas para uma estratégia de intervenções integradas de requalificação urbana e valorização ambiental". Dissertação de apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de Doutor em Artes e Técnicas da paisagem. Évora: Universidade de Évora, 2009, p. 264-266.

⁴ Sobre as diferentes formas da horta e dos processos de rega no Barrocal ver: Pedro Miguel Pinto Prista Monteiro, "Sítios de Querença. Morfologias e processos sociais no Alto Barrocal algarvio". Tese de Doutoramento em Antropologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 1993, p. 114-117.

⁵ Como se poderá concluir no estudo fundamental sobre os conjuntos edificados dispersos deste período na região: João Vieira Caldas, "A arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve". Dissertação para a obtenção do grau de doutor em Arquitectura. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2007. Também nesta obra se procura evidenciar a importância histórica do povoamento disperso no Baixo Algarve: Idem, p. 261-263.



Fig. 1 Cruz da Espragueira, Serra de Monte Figo, Faro
Fotografia do autor

dispersão do povoamento do Baixo Algarve está profundamente associada à Idade Contemporânea, em função de um processo de densificação que, contando, entre as condições da sua génese, as alterações do sistema predial posteriores ao advento do Liberalismo, ocorre, de forma mais expressiva, a partir de finais do século XIX, absorvendo uma parte significativa do crescimento demográfico da região. Ainda que alguns dos conjuntos edificados construídos de raiz a partir de então revelem, pelas suas características formais e de organização, a ligação a explorações de dimensão considerável no contexto do Baixo Algarve (juntando-se aos montes maiores do Antigo Regime), de um modo geral, as novas edificações rurais aparecerão associadas à pequena exploração.

Muitos dos novos assentamentos inscrevem-se na tradição de organização da habitação por adjunção de construções elementares de uma água, naquela que constitui uma das

soluções mais transversais às diferentes subunidades da região do Algarve. Conjuntos edificados de pequena dimensão, com paredes em alvenaria de calcário rebocadas e caiadas, e uma, duas ou mais vertentes na cobertura, sobre a qual poderá sobressair, como único elemento de aparato, uma chaminé rendilhada e recortada a telhas e ladrilhos. É uma solução corrente na edificação dispersa do Barrocal, que nos habituámos a ver pontuar, entre muros e valados, as ladeiras do pomar de sequeiro (fig. 1). A composição de volumetrias aparece associada a um parcimonioso carácter adaptativo resultando, em muitos casos, num processo aberto de construção da habitação que se prolonga no tempo. Ao contrário do que ocorre na Serra, bem como nas regiões do Baixo Guadiana e da Costa Vicentina ou, até mesmo, no Alto Barrocal, o processo cumulativo de construção é marcado, na faixa meridional do Algarve Central, por uma expressiva diversidade de soluções de



cobertura que poderão aparecer combinadas com a construção elementar de uma água. É o que ocorre com as pequenas açoteias sobre abóbada de berço, de vela ou de arestas que constituem a cobertura de uma ou duas alcovas em diversas habitações rurais, especialmente nos concelhos de Faro e de Olhão. A presença desta solução construtiva – que se tenderá a formalizar na associação de uma casa de fora a duas alcovas abobadadas no tardoz⁶ – resultará, frequentemente, no aparecimento de uma platibanda que coroa apenas a parte da fachada principal do edifício cor-

respondente ao compartimento abobadado, reflectindo, no exterior, a dimensão de composição celular do conjunto (fig. 2). Um outro exemplo que poderá ser considerado, a nível da diversidade de soluções de cobertura, é relativo aos conjuntos edificacionais tradicionais da Campina de Faro que são frequentemente organizados a partir da adunção de diversas construções a um edifício original de dois pisos (geralmente não compartimentados) com telhado de duas águas com pau de fileira. Esta solução de cobertura, que aqui resultava em muitos casos da

Fig. 2 Ponte da Jordana, Olhão
Fotografia do autor

⁶ Mariano Feio, *Obra Citada*, p. 143-144. Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Arquitectura tradicional portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p.171. Ver também João Vieira Caldas, *Obra Citada*, p. 210-216



Fig. 3 Benfarras (estrada nacional 125),
Loulé
Fotografia do autor

sobreposição de um palheiro e celeiro a um estábulo, está igualmente presente em edificações de um piso nas diferentes subunidades da região. Mas, para além das coberturas de uma água (que se poderão juntar em duas águas sobre uma parede cumeeira), ou da cobertura de duas águas com pau de fileira é, ainda, possível encontrar as coberturas madeiradas a asnas de tesouro que, para além de aparecerem como vimos associadas aos telhados de quatro águas do Antigo Regime, corresponderão ainda a uma solução corrente em edificações menos insígnies, de duas águas com declives bem mais pronunciados que as coberturas correntes. O recurso a este sistema, que poderá ser encontrado em conjuntos dispersos desde a Campina de Faro ao litoral de Tavira, estender-se-á à Idade contemporânea, marcando de forma expressiva,

por exemplo, o crescimento da Luz de Tavira, ao longo da nova estrada do litoral, a partir do terceiro quartel do século XIX. Mas a diversidade de formas que caracteriza a arquitectura da orla meridional do Algarve Central não se restringirá, a partir de então, à permanência dos sistemas aditivos de construção da habitação, adquirindo cada vez maior preponderância algumas tipologias que evidenciam a renúncia a uma morfologia circunstancial ou irregular, compreendendo, a nível da organização interna, uma disposição mais constante dos diversos compartimentos associada à presença de paredes divisórias não estruturais. Na forma mais corrente, as novas habitações corresponderão a um edifício de planta rectangular com duas alas correspondentes a duas vertentes na cobertura (cujos barrotes assentam nas fachadas e na

dente e encadeada, à escala da habitação e à escala de um conjunto de várias habitações. Os montes da serra do Caldeirão resultarão, assim, em aglomerados constituídos por vários conjuntos edificados de diferentes dimensões, dispostos no interior de um perímetro bem marcado na paisagem que retoma, muitas vezes, a configuração de um sítio mais aplanado. A cada um desses conjuntos edificados não corresponderia necessariamente uma habitação, já que, muito frequentemente, eram formados por células pertencentes a diferentes proprietários. Do mesmo modo, a habitação poderia repartir-se por diversos conjuntos em lugares diferentes no monte, o que era particularmente corrente com a frequente separação do núcleo fundamental da habitação, da casa de fogo, das casas de despejo, dos palheiros e dos estábulos. Muitas destas casas eram ainda complementadas pelos palheiros de planta circular com cobertura cónica de colmo que, formando conjuntos de várias unidades, se localizavam, frequentemente, junto a algumas eiras na proximidade do monte.

Deixando a serra do Caldeirão em direcção a poente, a presença dos montes constituídos por vários fogos perderá relevância, dando lugar ao povoamento disperso que se estende de Monchique ao Espinhaço de Cão. Até às primeiras décadas do século passado, a expressão inculta das vertentes do Maciço Antigo é ainda mais enfatizada a ocidente, onde as pequenas bolsas cultivadas do Caldeirão se encontrarão ausentes em largas extensões do território. É o que se poderá reter, por exemplo, da descrição de Link, na transição do século XVIII para o século XIX, quando nota, na aproximação a Monchique a partir de norte, a ausência de casas ou espaços cultivados⁸. Mas – tal como se poderá verificar nas mesmas páginas daquela descrição – a serra de Monchique será quase sempre descrita relevando o contraste entre as vertentes pobres de xisto na base e a paisagem do maciço eruptivo associada, frequentemente num tom romântico, a uma vegetação frondosa em ter-

um assentamento que poderá contar com algumas dezenas de habitações, na maior parte dos casos, de pequenos proprietários rurais que, até ao terceiro quartel do século passado, trabalhavam as próprias terras e as *sortes* arrendadas à razão nalguns montes mais raros de lavradores. Independentemente da importância que, em diferentes ciclos, a exploração do minério possa ter adquirido, especialmente na área nordeste de prolongamento da faixa piritosa alentejana, estes lugares aparecerão, fundamentalmente, associados às culturas das roças e das sementeiras nos melhores tractos, entre as vertentes mantidas como terras matosas na sua maior extensão. É neste contexto de exploração dos recursos locais, com poucas variantes até às primeiras décadas do século XX, que se assistirá a uma tendência de paulatina concentração do povoamento. De facto, num período que se estenderá do Antigo Regime à Idade Contemporânea marcado por um lento crescimento demográfico, a ocupação da serra do Caldeirão é caracterizada pela diminuição do número de assentamentos e pelo aumento, nalguns casos considerável, do número de fogos por monte, num processo que remete para uma das condições mais particulares desta arquitectura. Referimo-nos à importância que, num território de magros rendimentos, adquirirá o hábito de parcelamento da habitação entre alguns dos herdeiros do seu proprietário e ao modo como, num segundo tempo, cada uma das parcelas resultantes desse desmembramento dará lugar a novas habitações por adição de novas construções. Se, por um lado, o processo aditivo não estará, como no Baixo Algarve, provido de uma grande diversidade de tipos de coberturas (restringidas aqui às construções de duas águas com pau de fileira e, fundamentalmente, às construções de uma água), por outro lado acabará por compreender uma expressão muito característica que resulta, justamente, do modo como o processo edificatório ocorre, de forma interdepen-

⁸ "This range consists of mountain thickly crowded together [...] and every where covered with the monotonous *cistus ladaniferus* and the *cistus populifolius*. [...] The nearer we came to the highest part of the Serra de Monchique, which is called Serra de Foia, the deeper and narrower are the valleys; so that we saw nothing but interminable desert without houses, men, or traces of cultivation." Heinrich Friedrich Link, "Travels in Portugal and through France and Spain". London: T.N. Longman and O. Rees, 1801, p. 427. A referência ao deserto de esteve aparece, de resto, já em páginas anteriores, associada a diferentes lugares das planícies ou das serras da faixa ocidental alentejana, voltando a ser notado nas vertentes meridionais de Monchique e depois, a partir dos trajectos escolhidos, nas páginas relativas ao limite meridional da serra de Tavira e às vertentes do Guadiana, sugerindo uma Serra praticamente inculta em toda a sua extensão.

parede de cumeeira), constituindo uma forma que, a partir deste período, se poderá encontrar, com diferentes densidades, em toda a região algarvia. A nível do sistema de coberturas, poderemos distinguir algumas variantes desta tipologia, como as que resultam em soluções mais complexas ou hierarquizadas de madeiramento (sobre pau de fileira ou estrutura de asnas), o sistema misto (em que a vertente da ala anterior é substituída por uma cobertura plana, primeiro com duas fiadas de ladrilhos sobre barrotes e depois em betão armado) ou, numa fase posterior, a cobertura plana (quase sempre em betão armado).

Serão estas as formas que, especialmente na primeira metade do século passado, conformarão, em grande parte, a densificação do povoamento disperso no Baixo Algarve, quer em edificações disseminadas na paisagem, quer em edificações alinhadas ao longo dos caminhos e das estradas⁷. De algum modo, a estrada constituirá, a partir de então, uma expressão da modernidade a que muitas habitações aspiram. A nível formal, esta condição remete para a assunção da casa de fachada, resultando numa composição cuidada dos vãos ou na valorização de alguns dos elementos considerados mais característicos da arquitectura do Baixo Algarve como a platibanda, a chaminé rendilhada, as cantarias no emolduramento de portas e janelas ou o recurso à cor ou aos fingidos na fachada principal (fig. 3).

Relativamente ao espaço exterior, as novas habitações delimitarão muitas vezes, através de muros e alegretes, o pátio aberto que se estende a toda a largura da fachada. Com alguma frequência juntarão, no prolongamento deste, o eirado da cisterna que adquirirá uma gradual preponderância, especialmente no Alentejo calcário, a partir de finais do século XIX. De planta circular ou, mais frequentemente, quadrangular, a cisterna é construída, num primeiro tempo, com paredes de alvenaria de calcário e abóbada de pedra calça ou tijolo maciço e, depois, com o aproximar de finais da primeira metade do século passado, com laje e paredes de betão armado (estas últimas



executadas, em muitos casos, com recurso a cofragem perdida de tijolo).

2.

O Baixo Algarve é delimitado, a norte, pela sucessão dos relevos do Caldeirão, de Monchique e do Espinhaço de Cão que, desde o extremo oriental ao extremo ocidental da região, conformam a unidade serrana. No caso do Caldeirão é o próprio povoamento que constitui um dos temas privilegiados para a delimitação da Serra, já que a passagem para as vertentes xistosas do Maciço Antigo se traduz, quase sempre, no desaparecimento da dispersão intercalar e na gradual preponderância dos pequenos aglomerados sertanejos mais ou menos distantes (fig. 4). De facto, o monte na serra do Caldeirão corresponde a

Fig. 4 Marim, Alcoutim
Fotografia do autor

⁷ "Cette dispersion s'opère parfois sans ordre pré-établi, au gré de la division de la propriété; mais souvent elle s'accomplit en suivant les voies de communication. L'ambition la plus tenace de l'algarvio est d'avoir une maison. Pour la satisfaire, s'il n'a pas un lopin de terre, il achète un terrain pour bâtir, plutôt au bord de la route que dans la ville ou le village. Le terrain lui-même est le coût de la vie y sont meilleur marché et on y est plus à l'aise, sans toutefois être isolé." Mariano Feio, *Obra Citada*, p. 146.

ras férteis de águas abundantes⁹. Subindo acima dos 900 metros (o cume mais alto do sul do país) e beneficiando complementarmente da proximidade do Oceano, Monchique apresenta índices de pluviosidade muito superiores aos verificados para as regiões vizinhas que, associados aos característicos solos de granito, resultam ou resultavam numa paisagem invulgar no contexto das serranias do sul, só comparável (como o foi tantas vezes) às terras de Sintra.

A nível das economias tradicionais e das formas de povoamento, o afloramento sienítico aparecerá associado, tanto à importância das culturas regadas, como à exploração do *po-mar de castanheiros de madeira de corte*. É especialmente nas vertentes norte e oeste do cerro da Picota que, em diferentes escritos, se identificavam as manchas maiores de

soutos, dando conta, simultaneamente, da importância da economia da madeira¹⁰, que acabará por persistir, associada a outras espécies (como os pinheiros ou os eucaliptos), mesmo com o desaparecimento quase integral do castanheiro na primeira metade do século passado¹¹. A estas indústrias – como aos banhos das Caldas ou às culturas de regadio que também se exportavam – só faltariam, para mais prosperar, melhores condições de acesso e transporte, restringidas até muito tarde às veredas estreitas de almocreves. Mas será já bem entrado o século XX que a economia local beneficiará das novas ligações (antes a Monchique e, mais tarde, a Alferce e Marmeleite), como ocorrerá com a extracção de cortiça, com as destilarias de medronho ou, especialmente, com os lagares de azeite pertencentes aos maiores proprietários



Fig. 5 Maçarotal, Monchique
Fig. 6 Casais, Monchique
Fotografias do autor

⁹ Heinrich Friedrich Link, *Obra Citada*, p. 427. Mário Lyster Franco, *"Portugal: O Algarve"*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1929, p. 8. José António Guerreiro Gascon, "Subsídios para a monografia de Monchique" [1955]. 2ª ed. Faro: Algarve em foco, 1993, p. 99. Pierre Birot, *"Portugal – Estudo de geografia regional"*, 2. ed. Lisboa: Horizonte, 2004, p. 120.

¹⁰ Considere-se a título de exemplo José António Guerreiro Gascon, *Obra Citada*, p. 89-91. Sobre a importância da exportação da madeira de Monchique para diferentes geografias, em períodos diversos, ver também: João Baptista da Silva Lopes, *"Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do reino do Algarve"* [1841]. Faro: Algarve em Foco, 1988, p. 249; Isabel Carneiro e Nuno Campos, *"O concelho de Monchique e as suas Armas Municipais"*. Monchique: Junta de freguesia de Monchique, 2003, p. 43, 46.

¹¹ "Nos últimos annos, uma doença que destruiu os soutos da França, Italia e Hespanha, appareceu em Portugal, destruindo os castanheiros espalhados por todo o paiz, e atingindo os que cobrem a serra de Monchique". Thomaz Cabreira, *"O Algarve económico"*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1918, p. 99.

locais (Monchique, Casais ou Marmeleite, por exemplo). De qualquer modo, serão as culturas de regadio que mais acabarão por conformar o povoamento no maciço sienítico de Monchique, compreendendo, não apenas as hortas, mas os diferentes pomares ou a vinha, configurando uma paisagem matizada, como é evidente em diferentes descrições desde o início do período moderno onde é, quase sempre, enfatizada a abundância de água¹². Será fundamentalmente durante a primeira metade do século passado que as culturas irrigadas se converterão à construção em terra-

ços, resultando num dos traços fundamentais de transformação da paisagem de então. Os socalcos, designados aqui por *canteiros*, sucedem-se nas encostas sobre os vales das ribeiras de Boina e de Monchique, numa linha entre Alferce e Marmeleite que, de sudoeste para nordeste, aparta os serros mais altos da Foia e da Picota. Fora deste eixo, é ainda possível encontrar os canteiros em bolsas menores que privilegiam, quase sempre, a localização junto às linhas de talvegue nas encostas, assim reconfiguradas. É o que ocorre na vertente norte da Foia, pontuada por socalcos, tanto em zona de sienito como em zona de xisto, que acabarão por desaparecer progressivamente para norte, onde o regadio se restringirá cada vez mais aos vales largos das ribeiras de Seixe e da Perna Negra. O processo de construção dos valados dos terraços, que constitui uma técnica própria do maciço eruptivo, estender-se-á também, ainda que forma modesta, as vertentes do Maciço Antigo modeladas pelos muros de suporte de xisto.

A organização das culturas nos terraços reflecte, em grande medida, a prevalência da pequena propriedade acentuada pelos sistemas de parcelamento que frequentemente afectavam, na mesma proporção, o acesso à água numa prática conhecida aqui por *águas de partilhas*. A dispersão da habitação, que se acentua, justamente, nas áreas de maior presença das culturas em socalco, está associada, portanto, à propriedade retalhada, compreendendo muitos dos temas comuns à arquitectura vernacular das pequenas explorações que podemos observar na serra do Caldeirão. Nalguns casos, estas edificações retomam a forma das extensas vertentes da cobertura, convertendo ao espaço interior a geometria dos valados dos terraços (fig. 5). A mesma morfologia, resultante da agregação de várias casas de uma água, poderá resolver a implantação em lugares distintos, desde as vertentes aos cabeços, servindo, também aqui, a uma dimensão evolutiva de



¹² Henrique Fernandes Sarrão, *História do Reino do Algarve*. In Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero Magalhães, (apresentação, leitura, notas e glossário), *"Duas descrições do Algarve do século XVI"*. Lisboa: Sá da Costa, 1983, p. 154. João Baptista da Silva Lopes, *"Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do reino do Algarve"*. (1841). Faro: Algarve em Foco, 1988, p. 248. Atente-se, por exemplo, na seguinte descrição do início da segunda metade do século de oitocentos: "[...] quase desde a parte mais alta como fica dito, saem por todos os lados, e em diferentes direcções, inumeráveis nascentes de águas puras, frescas termais, férreas e cristalinas que descendo dos cerros serpenteiam e formam diferentes arrosios, que vão fertilizar os barrancos e vales que se acham juncados de frondosos castanheiros, nogueiras, laranjeiras, limoeiros, cidreiras, pereiras, macieiras, ameixeiras, de todas as qualidades, e várias outras árvores frutíferas, regando igualmente os terrenos que se acham hortados, os quais, ainda que em serra, e entre penhascos, são negros e arenosos e produzem grande quantidade de milho, batata e feijão e de muitas e variadas hortaliças, tão saborosas e em tanta abundância, que não só dá para o consumo dos habitantes, senão que tem para exportação [...]". José Gascon, *"Relatório de 1860"*, parcialmente transcrito em José António Guerreiro Gascon, *Obra Citada*, p. 89, 90.

construção da habitação¹³. Mas tal como ocorre na serra do Caldeirão, também nas serranias a ocidente, de Monchique ao Espinhaço de Cão, a prevalência da construção por sucessiva agregação de células dará lugar, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, a uma lógica mais partitiva com recurso a paredes divisórias não estruturais. Este modelo é especialmente evidente na serra de Monchique onde a condição privilegiada de território de produção de madeira se reflectirá na presença de soluções mais complexas de madeiramento das coberturas associadas a uma maior autonomia relativamente às paredes internas¹⁴. Com alguma frequência as paredes maciças da habitação poderão restringir-se, a partir de então, às paredes exteriores, compreendendo, edificações de duas alas de compartimentos com recurso ao pau de fileira ou, mais pontualmente, a soluções mais elaboradas como as que caracterizam as asnas em coberturas de duas, três ou quatro águas. Tal como ocorre a nível dos sistemas de cobertura, a arquitectura rural de Monchique tenderá, de resto, a acrescentar, relativamente àquelas que são as características fundamentais dos montes do Caldeirão, um leque mais diversificado de soluções que poderá ser reconhecido, não apenas a partir dos sistemas construtivos, mas também a nível das características tipomorfológicas. Um dos exemplos que poderá ser dado, a este propósito, corresponde à solução de implantação em vertente com fachada anterior de dois pisos e fachada posterior de um piso (fig. 6), comportando a integração do pavimento em soalho que só muito pontualmente poderá ser encontrado no Caldeirão¹⁵. Mais uma vez se deverá considerar a maior facilidade de acesso à madeira que distingue esta subunidade e que é igualmente legível noutros elementos de construção desta arquitectura como, por exemplo, as ripas de madeira para assentamento das telhas que tenderão a substituir o caniço cerrado mais

frequente nas restantes subunidades da região.

A zona do afloramento sienítico de Monchique distingue-se ainda, a nível dos sistemas construtivos tradicionais, pela prevalência do recurso àquela pedra na execução, não apenas dos valados dos canteiros, mas também das alvenarias das diferentes edificações. A taipa tem aqui uma presença pouco expressiva, ao contrário do que ocorre nas vertentes do Maciço Antigo em redor onde alterna, frequentemente, com a alvenaria de xisto.

3.

A nível do povoamento, a transição para o Baixo Alentejo, acabará por esbater os limites fixados pela história do reino dos Algarves. Na zona ocidental sucedem-se diferentes formas de dispersão, ao longo de uma faixa recolhida da plataforma litoral e da vertente norte de Monchique às serranias de Grândola. No que concerne à arquitectura vernacular, esta região é marcada pela presença relevante das edificações com apenas uma ala de compartimentos e cobertura de duas águas com pau de fileira (a que por vezes acrescentava um outro corpo de uma água), comportando a construção das paredes em alvenaria de xisto ou taipa. Constituem quase sempre habitações modestas (associadas a pequenas explorações ou a montes segundos no interior de uma herdade), aprimorando-se na região da serra de Grândola pela presença da chaminé larga onde, frequentemente, se inscrevia a data da sua construção (entre finais do século XIX e a primeira metade do século XX, fig. 7)¹⁶.

Nas zonas central e oriental da raia entre Algarve e Alentejo, o povoamento dos pequenos aglomerados serranos estende-se bem para norte desse limite, ocupando não apenas as vertentes de São Barnabé que prolongam a serra do Caldeirão na província alentejana, mas também nos campos ondulados dos



Fig. 7 Em redor de Santiago do Cacém
Fotografia do autor

concelhos de Mértola e Almodôvar. Esta área constitui, na realidade, uma faixa de transição entre os montes da Serra, enquanto pequenos aglomerados ligados a um sistema predial bastante retalhado e os montes alentejanos das grandes herdades. Corresponde a uma região de terras mais aplanadas (a que na realidade poderíamos acrescentar o planalto que, na região algarvia, se estende de Martinlongo quase até Alcoutim) onde os solos de xisto são menos sujeitos aos efeitos da erosão, acabando por suportar um crescimento bem mais significativo dos pequenos montes da Serra que aqui comportam, frequentemente, algumas dezenas de fogos. Do mesmo modo, as aldeias sede de freguesia tenderão a adquirir

uma dimensão superior às pequenas aldeias da Serra e, ainda que permanecessem como centros da pequena propriedade, evocavam, de algum modo, os grandes aglomerados de assalariados rurais das melhores terras da península alentejana. Por outro lado, algumas das *lavouras* ou herdades desta zona de transição não serão objecto de processos de parcelamento tão significativos como os que reduzirão as herdades pobres das vertentes de xisto a montes de lavradores sem expressão no espaço exterior à Serra, existindo, deste modo, alguns assentamentos que recordam, pela sua dimensão e organização, os montes das herdades alentejanas que constituem, na relação de complementaridade com as gran-

¹³ Pedro Emanuel Cabrita Neves Bexiga, "A arquitectura de terra na Serra de Monchique. Bases para a conservação futura". Évora: Universidade de Évora, 2007. Dissertação de mestrado em recuperação do património arquitectónico e Paisagístico, p. 70.

¹⁴ Como se poderá, de resto, constatar com o exemplo seleccionado no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, correspondendo a uma edificação em que a cobertura assenta exclusivamente nas paredes exteriores e cuja organização interna em duas alas de compartimentos é estabelecida a partir de um sistema autónomo de divisórias. Francisco Keil do Amaral [et al.], "Arquitectura popular em Portugal". Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961, p. 334-335.

¹⁵ José Leite de Vasconcellos aponta a presença do "andar nobre" como um dos elementos diferenciadores da arquitectura de Monchique relativamente ao "resto do Algarve", acrescentando que nalgumas "casas sobe-se, por escada exterior, para o 1.º andar". José Leite de Vasconcellos, "Etnografia Portuguesa. Volume VI". Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p. 287.

¹⁶ Correspondendo à "habitação das encostas da Serra de Grândola" inventariada no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa: Francisco Keil do Amaral [et al.], Obra Citada, p. 336-337.

des aldeias de assalariados rurais, a unidade fundamental do povoamento com maior preponderância para norte (fig. 8). O monte retomará, então, na peneplanície alentejana, um significado mais próximo daquele que tem no Baixo Algarve ainda que, na realidade compreenda, também ali, uma diversidade tipológica que é, em muito, resultado das circunstâncias que marcaram os diferentes ciclos da história de exploração das herdades, nas diferentes subunidades da região. Silva Picão regista esta diversidade, logo no início do século passado, ao identificar “cinco classes” diferentes de montes, introduzindo, para tal, critérios relacionados com o próprio processo histórico (como os que poderão distinguir os montes “solarengos, com torres e ameias” de outros de “feição mais alegre e moderna”), com a sua dimensão na relação com a importância da *lavoura* ou, ainda, com o próprio programa e, designadamente, com a presença ou ausência da habitação do lavrador¹⁷. A organização actual de grande parte dos montes no Alentejo decorre das transformações profundas que marcarão a paisagem alentejana a partir dos últimos anos do século de oitocentos. Até então, a charneca ocupava vastas extensões da região, especialmente nas terras galegas mais pobres e na aproximação às serras algarvias (onde, como vimos, os relevos incultos adquiriam uma expressão ainda mais relevante). Nas maiores propriedades cultivavam-se, em muitos casos, tão somente as terras de rendimentos mais seguros que constituíam, muitas vezes, pequenos tractos de cultura entre as superfícies matosas deixadas, quanto muito, às roças entre pousios longos¹⁸. Muitos dos montes do Antigo Regime – que constituíam, frequentemente, conjuntos edificadas modestos em herdades pouco exploradas, que os complexos processos de enfeiteuse retiravam do interesse do investimento – encontravam-se, então, em ruína ou abandonados. Silva Picão atribui este abandono ao processo de concentração de diver-

sas herdades numa mesma exploração que se seguirá à implantação do regime Liberal¹⁹. Já duas décadas antes, Gerardo Pery, ao procurar compreender as causas da “despovoação dos campos” no concelho de Beja, apontava, entre outras razões, o mesmo processo de concentração da propriedade e o consequente abandono dos seus assentos: “Há no concelho grupos de muitas herdades, que antigamente pertenciam a diversos proprietários lavradores, e que hoje pertencem a um só; cada uma d’essas herdades tinha o seu monte ou casal, onde vivia o lavrador com os seus criados de lavoura, e hoje os montes já não existem, porque as herdades foram destinadas exclusivamente para pastagens. Podem citar-se vários exemplos d’este facto dentro do concelho”²⁰. O fim do século será marcado pelo início de um período de acréscimo significativo das áreas cultivadas, de limpeza dos matos e preparação das terras para as culturas cerealíferas, em resultado das medidas proteccionistas e de estímulo à produção cerealífera que caracterizam a última década do século, com efeitos que se verão, posteriormente, reforçados com a Campanha do Trigo. Estas transformações recentrarão a importância do monte à escala da herdade, dando assim início a um período em que muitos dos velhos assentamentos serão objecto de sucessivas campanhas de obras, ao mesmo tempo que alguns outros serão construídos de raiz. A reorganização dos assentos das lavouras procurará, não apenas servir às novas solicitações das culturas cerealíferas, como também à complementaridade destas com as pastagens, com os montados e com os olivais, reflectindo simultaneamente o processo de parcelamento a que, a partir de então, acabarão por ser sujeitas muitas destas lavouras. Durante este período, o grande monte alentejano – que ainda assim constitui, frequentemente, a sede de uma exploração formada por várias herdades – confirmar-se-á, frequentemente, como estrutura industrializante ou a “máquina complicada de uma grande lavoura”²¹, aspirando à

¹⁷ José da Silva Picão, “*Através dos campos. Usos e costumes agrícola-alentejanos (concelho de Elvas)*” [1903]. Lisboa: Dom Quixote, 1983, p. 26. ¹⁸ Ver a este propósito Mariano Feio, obra citada, p. 78-79.

¹⁹ “Acontece porém haver herdades, pequenas, sem monte, já por nunca nelas existir, já por terem caído à mercê do abandono, como consequência da anexação de herdades, respectiva a outra ou outras de superior importância. / Em épocas remotas, quando as lavouras estavam amais divididas e menos adiantadas, quero dizer, quando geralmente, cada lavrador rendeiro vivia só de uma herdade em que semeava pouco e mal, todas ou quase todas tinham monte próprio, embora deficientíssimo. Ainda hoje quem percorre o Alentejo vê de longe as ruínas desses casebres, observando também com maior frequência outros de igual inferioridade que se mantêm intactos, até bem conservados, sem contudo se notar neles a animação própria de um centro de lavoura”. Silva Picão, obra citada, p. 25.

²⁰ Gerardo Augusto Pery, “*Estatística Agrícola do Distrito de Beja. Parte I – Concelho de Beja*”. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, p. 10.

²¹ Orlando Ribeiro, “*Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*”. 7 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1998, p. 96.



Fig. 8 Colgadeiros, Mértola
Fotografia do autor

auto-suficiência e integrando as diferentes tarefas que estão na base do processo de produção. E, de facto, para além das habitações do lavrador e do feitor, das casas dos *criados* e da casa da malta ou dos ganhões, dos celeiros e despensas, da casa ou do alpendre do forno de pão, da amassaria e da queijeira, o grande monte, marcado, nalguns casos, pela presença da capela, compreendia ainda todas as dependências para animais, forragens e alfaias, podendo integrar também um lagar de azeite e as instalações de ferreiros, abegões e albardeiros.

Ainda que possa resultar de um processo de justaposição ou sobreposição de construções de diferentes períodos da história, remetendo, nalguns casos, para o início do período moderno, tenderá a registar, em cada ciclo, o desígnio de uma organização global. A aposição das diferentes edificações conformará, enquanto espaço fundamental na organização das diferentes actividades, um terreiro que poderá adquirir disposições completamente distintas, desde o pátio aberto na projecção do edifício principal, pontuado, ou não, nos restantes quadrantes por outras dependências, até ao espaço encerrado que é, apesar de tudo, mais raro. Também a nível da arquitectura, se poderão distinguir uma grande diversidade de formas, podendo ser referidas, como soluções especialmente correntes, as edificações com telhado de duas águas relativas a duas alas de compartimentos ou os conjuntos em que as vertentes da cobertura se estendem a uma superfície contínua considerável cobrindo, entre espaços da habitação e outras dependências, quatro ou cinco linhas de células com um número significativo de compartimentos desprovidos de luz natural (fig. 9). Em qualquer caso, o propósito de dotar os palheiros, as cavalariças e as *ramadas* de uma área significativa tornará particularmente frequente a solução da cobertura de duas águas com pau de fileira com um vão interno de grande amplitude (não comparável, portanto, às modestas dimensões que esta solução adquire nas pequenas habitações da orla ocidental do Alentejo a

que antes fizemos referência).

Preservando alguns dos temas fundamentais nas diferentes subunidades a que fizemos referência, a arquitectura tradicional do sul de Portugal compreende, simultaneamente, uma significativa diversidade tipológica, legível, nos diferentes momentos da história, a partir da identidade de cada uma daquelas subunidades, a nível da geologia e da orografia, dos recursos e das culturas, dos modelos de ocupação ou da própria transformação da estrutura predial. A esta geografia associada às formas tradicionais de economia e povoamento, apõe-se uma ordem diversa na qual a densificação do povoamento na orla litoral do Algarve se acentua por contraposição à regressão demográfica dos territórios do interior. Será a partir da sobreposição destas duas condições que se deverá considerar a reabilitação dos assentamentos rurais, considerando a aptidão para uma reconversão que compreenda, simultaneamente, as características decorrentes do processo histórico e a localização no actual quadro de ocupação do território. Resultará particularmente clara, neste contexto, a contraposição entre o monte alentejano, ligado à grande propriedade, passível de ser sujeito, com têm sido, a diferentes formas de reconversão como centros de unidades do sector primário e de turismo, e o monte da serra do Caldeirão caracterizado, como vimos, por uma complexa estrutura parcelar que remete necessariamente para uma lógica, mais complexa, de reabilitação de conjunto. A inventariação do património à escala do Município deveria adquirir assim - no actual momento de revisão dos Planos Directores Municipais - uma importância decisiva na definição das estratégias e propostas a constar naqueles documentos. A estrutura de base desse inventário poderia ser estabelecida a partir da figura da Carta do Património que tem sido, pontualmente, desenvolvida por alguns municípios, considerando, no entanto, um âmbito alargado e transdisciplinar de pesquisa consentâneo com as novas noções de património.

Fig. 9 Monte da Malta, Beja
Fotografia do autor

